

DAMIÃO DE GÓIS

Rui Luis Rodrigues



Gravura de Philippe Galle (1537-612) com suposto retrato de Damião de Góis atribuído a Albrecht Dürer. Acervo da Galeria Albertina, Viena. Domínio público.

DAMIÃO DE GÓIS nasceu em Alenquer, Portugal, no seio de uma família da pequena nobreza, em 1502. Aos nove anos ingressou como pajem na casa real, onde familiarizou-se com o ambiente cosmopolita de uma corte envolvida na expansão ultramarina. Nomeado por d. João III em 1523 para a feitoria portuguesa em Antuérpia, ali aprimorou seus conhecimentos de finanças e dos tratos comerciais portugueses. Entre 1528 e 1531, Góis recebeu do rei encargos especiais que o levaram a Inglaterra, Polônia, Dinamarca, diferentes regiões alemãs e Rússia. Durante esses anos, esteve em Wittenberg e travou conhecimento com Martinho Lutero e Filipe Melanchthon.

Em Antuérpia, Damião de Góis conjugava os saberes específicos do trato comercial às sutilezas do jogo diplomático e à paixão pelos estudos humanísticos. Frequentou a Universidade de Louvain ao longo de 1532, voltando a viajar no ano seguinte por razões médicas: foi a Friburgo e a Estrasburgo. Chamado a Portugal em fins de 1533, declinou do cargo de tesoureiro da Casa da Índia em Lisboa, oferecido por d. João III. Pretendia viver com seus próprios recursos e dedicar-se

aos estudos humanísticos. Em 1534, após uma estada de cinco meses como hóspede em casa do humanista Erasmo de Rotterdam, Góis fixou residência em Pádua (1534-1538), com o propósito de frequentar a universidade. Retornando a Louvain, casou-se no seio de uma família abastada e rigidamente católica; o período seguinte, de intensa produção intelectual, foi contudo interrompido em 1542, quando a cidade foi cercada pelos franceses. Feito prisioneiro, Góis foi liberto graças à intervenção do soberano português, que determinou seu retorno à terra natal em 1545.

Em Pádua, incentivado pelo humanista e cardeal Pietro Bembo, Góis pretendia dedicar-se à narração dos esforços portugueses no além-mar. Publicou, em 1539, *Commentarii rerum gestarum in India citra Gangem a Lusitanis anno 1538* (“Comentários sobre as coisas feitas na Índia daquém-Ganges pelos portugueses no ano de 1538”), no qual ocupou-se das vitórias de Portugal na costa ocidental da Índia. Revelou-se um humanista comprometido com o império ultramarino português e seus interesses. *Fides, religio moresque Aethiopum* (“Fé, religião e costumes dos etíopes”), publicada em 1540, despertou interesse nos meios letrados da Europa, apesar de proibida em Portugal pela Inquisição. A obra revela a preocupação de Góis com a superação da fratura religiosa ocorrida na cristandade ocidental.

De volta a Portugal, Góis encontrou amizade e consideração junto a d. João III, que o quis preceptor do infante d. João, nomeando-o em 1548, a título interino, guarda-mor da Torre do Tombo. Mas também encontrou ali problemas, oriundos em grande medida de seus contatos com Erasmo e suas viagens por territórios luteranos na década de 1520. Mal-entendidos com o jesuíta Simão Rodrigues, ainda durante a temporada paduana de Góis, estão na origem das denúncias que o jesuíta ofereceu contra ele no tribunal do Santo Ofício, em 1545 e 1550. Graças às boas relações do humanista, as denúncias foram arquivadas, mas impediram que ele assumisse as funções de preceptor do infante. Na capital, o estilo pródigo de vida de Góis e o fato de receber constantemente estrangeiros em sua casa cooperaram para levantar suspeitas sobre sua ortodoxia religiosa.

Em 1546, Góis publicou, a pedido do imperador Carlos V, *Urbis Louaniensis obsidio* (“Cerco da cidade de Louvain”). Seguiu-se *De bello Cambaico Ultimo commentarii tres* (“Três comentários sobre a última guerra de Cambaia”) em 1549,

sobre as vitórias portuguesas na costa ocidental da Índia em 1546. Em 1550, sua nomeação para a Torre do Tombo foi finalmente confirmada pelo monarca. Quatro anos depois, Góis publicou em Évora *Urbis Olisiponis descriptio* (“Descrição da cidade de Lisboa”), obra dedicada ao inquisidor-geral, o cardeal d. Henrique. A pedido do cardeal, Góis compôs em português a *Chronica do felicissimo rei Dom Emanuel* (1566-1567) e a *Chronica do principe Dom Joam II* (1567), que não foram bem recebidas por setores da nobreza de Portugal.

Em 1571, a Inquisição acolheu as denúncias anteriormente feitas contra Góis. Acusado de luteranismo, durante os 19 meses do processo ele reiterou inúmeras vezes sua inocência; por fim, reconheceu-se culpado e retratou-se publicamente em 6 de dezembro de 1572. Condenado à reclusão perpétua no mosteiro da Batalha, não se conhecem bem as circunstâncias que levaram à sua saída do claustro e ao seu falecimento, possivelmente em sua vila de Alenquer, a 30 de janeiro de 1574.

